

**Ser jornalista na contemporaneidade: uma  
contribuição aos estudos da profissão**

**The journalist in the contemporaneity: a  
contribution to studies on the profession**

Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo



**LEONEL AZEVEDO DE AGUIAR<sup>1</sup>**

**CLAUDIA RODRIGUES<sup>2</sup>**

### **RESUMO**

Esse artigo visa contribuir teoricamente com os estudos relacionados com a profissão de jornalista. Utilizando a metodologia da pesquisa bibliográfica, apresenta um recorte histórico sobre o percurso do jornalismo e a constituição dessa profissão. Com base na literatura especializada, discute como as tecnologias digitais de informação e comunicação, ao acentuarem a valorização da instantaneidade, e os processos de convergência midiática implicam em questões éticas contemporâneas que afetam as rotinas produtivas no jornalismo informativo. Conclui analisando as mudanças no *ethos* do testemunho e na atividade do repórter, com suas disputas discursivas em relação aos jornalistas amadores, sejam ativistas de movimentos sociais ou cidadãos interessados em causas pontuais.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Teorias do Jornalismo. Profissão. Rotinas produtivas.

### **ABSTRACT**

This paper aims to contribute to the wealth of theoretical studies related to the profession of journalism. Using methodology rooted in academic research, the paper delves into historical background of journalism and the origins of the profession. Based on the specialized literature, this paper tackles the discussion about how the emphasis on instantaneity, together with the ongoing process of digitally-charged media convergence, implies contemporary ethical issues which affect productive routines in the media practices. As a conclusion, the article works on the analysis upon the changes in the testimony *ethos* and the reporter activity, considering their discursive disputes over amateur journalists, social movement activists or citizens engaged in specific causes.

### **KEYWORDS**

Journalism theories. Profession. Productive routines.

Recebido em: 22/04/2017. Aceito em: 07/12/2017.

<sup>1</sup> Doutor e mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor do Departamento de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). E-mail: [leonelaquiar@puc-rio.br](mailto:leonelaquiar@puc-rio.br). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3833374955831745>.

<sup>2</sup> Doutoranda e mestre em Comunicação na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: [claudiar63@gmail.com](mailto:claudiar63@gmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9979426573347306>.

## 1 INTRODUÇÃO

A generalização da mediação técnica vem implicando em profundas transformações nas práticas produtivas presentes na sociedade contemporânea e o campo jornalístico encontra-se vinculado a esse processo de mudanças. Conforme Castells (1999), as mudanças estruturais na sociedade contemporânea – com a desregulamentação das economias visando ao aumento da produtividade, competitividade e rentabilidade – acarretaram também modificações nos modos de produção dos conteúdos informativos. O campo do jornalismo se alargou e passou a abarcar milhares de cidadãos, ativistas e profissionais que ressignificam as atividades jornalísticas. Nesta perspectiva, cabe a pergunta: o que é ser jornalista dentro de um contexto em que qualquer cidadão compreende ter condições e ferramentas tecnológicas para exercer a atividade, seja como profissional, amador ou ativista?

Há um problema identitário que atinge o profissional da mídia jornalística e a questão é mote de estudos nacionais e internacionais por parte de autores que discutem como as mudanças estruturais no mercado afetam não só a rotina produtiva como também a legitimidade social do jornalista. Identificado com funções democráticas na sociedade moderna – tais como informar e esclarecer o cidadão e formar opinião pública, denunciar injustiças e abusos de poder e contribuir com o avanço da democracia ao atuar como um ‘contrapoder’ –, o jornalismo está vivenciando atualmente um percurso perpassado transformações históricas e tecnológicas primordiais.

O artigo, cuja proposta é contribuir teoricamente com os estudos relacionados com a profissão de jornalista, está dividido em três seções. Na primeira, apresenta um recorte histórico sobre a constituição dessa profissão. A seguir, analisa as mudanças no *ethos* da atividade do repórter. Por fim, discute como a valorização da instantaneidade e os processos de convergência midiática afetam as rotinas produtivas no jornalismo informativo e implicam em questões éticas. Cabe destacar que não nos propomos discutir como a ética dos jornalistas profissionais é impactada pelas tecnologias digitais de informação e comunicação, ainda que tratemos tangencialmente de questões éticas ao descrever as rotinas produtivas e os valores da profissão. O foco dessa pesquisa são as mudanças nas rotinas de produção da informação jornalística e as disputas

no campo do jornalismo.

## **2 A PROFISSÃO DO JORNALISTA**

Na história da imprensa, podemos diagnosticar um ponto de inflexão com consequências sobre a rotina produtiva dos jornalistas: a criação das rotativas, em 1850. Marcondes aponta, na introdução das rotativas, uma reorientação da indústria jornalística, que adquire um viés mais voltado para o mercado. “A audácia e a criatividade perdem terreno em relação ao conformismo e à repetitividade mercadológica.” (MARCONDES, 2000, p. 32-33). A evolução das rotativas, a composição por linotipos, a difusão do telégrafo e a abertura das agências de notícias fomentaram a fundação de jornais que deixam de lado a crônica e adotaram as novas narrativas como a reportagem, a enquete e a entrevista. Com menos autonomia, o redator perde para o editor a liberdade de escrever dentro de uma linha editorial – que embute opinião – uma vez que a notícia ganha outro tratamento.

O termo jornalista (*journaliste*) tem origem no termo *jour* (dia) e significa “analista do dia” (ADGHIRNI, 2005, p. 47). A nomenclatura *journaliste* teria surgido, segundo Michael Palmer, em 1703, no século XVIII, quando foi fundado o *Journal de Trévoux*, uma publicação semanal francesa que tinha, como política editorial, ser um veículo mais interpretativo do que informativo e, dessa forma, se diferenciava do jornal *Gazette*, estilo gazeteiro que divulgava os fatos em uma narrativa limitada.

O jornalismo de opinião que publicizava e dava transparência aos debates relaciona-se com o surgimento da esfera pública literária no século XVIII – espaço de circulação e fluxo irrestrito de informação e ideias relevantes que dominaram as conversas nos clubes, cafés e salões frequentados pela burguesia. Defoe – do *Review* –, Swift – do *Examiner* – e Touthin – do *Observer* –, todos na Inglaterra, produziam jornalismo autônomo e crítico (HABERMAS, 2003, p. 77) que nutria as discussões em Paris e Londres – as duas cidades reuniam mais de dois mil cafés (TRAQUINA, 2012, p. 43). Vale mencionar que, no Iluminismo, escritores como Rousseau, Voltaire, Diderot e Beaumarchais eram jornalistas e defendiam a liberdade de imprensa (ADGHIRNI, 2005, p. 48).

Na visão de Habermas, o jornalismo perde o caráter de reflexão crítica que

## Ser jornalista na contemporaneidade:

### uma contribuição aos estudos da profissão

apela ao uso da razão kantiana. No século XIX, o filósofo alemão observa a mudança estrutural na esfera pública com o nascimento do 'consumidor de cultura'. Os jornais sucumbem à lógica empresarial e mercadológica do consumo de massa, concretizada na *penny press*, que obtém maximização de sua venda com despolitização do conteúdo. A esfera pública "inserida no ciclo da produção e do consumo não é capaz de constituir um mundo emancipado do que é imediatamente necessário à vida." (HABERMAS, 2003, p. 190). A antiga argumentação alimentada pela imprensa dá lugar ao *mixtum compositum*, ao entretenimento.

Com a mudança de paradigma no jornalismo no século XIX, os jornais passam a oferecer 'fatos'. Uma das primeiras menções ao termo repórter, como assinala Adghirni (2005), foi quando Samuel Morse solicitou um 'despacho' ao *Baltimore Patriot* através da recém-inaugurada linha telegráfica entre Washington e Baltimore, no dia 23 de maio de 1844. Mas a função de reportar os acontecimentos – com nomenclaturas específicas como editor, redator, correspondente – ganharia força ao longo do século passado com a expansão do setor e o advento da profissionalização e dos códigos deontológicos que pregam objetividade e imparcialidade.

Sob a égide do positivismo, o jornalista deve agir como uma máquina fotográfica "apesar de uma orientação editorial" (TRAQUINA, 2012, p. 52) e cumprir seu dever de "fornecer a verdade exata" (TRAQUINA, 2012, p. 52). Essa visão reforça a importância do profissional da imprensa para a democracia, do jornalismo como 'quarto poder' ou contrapoder. A profissionalização ocorreu paralelamente ao florescimento do jornalismo informativo. Traquina (2012, p. 57-58) salienta que as empresas passam por um processo de burocratização e expansão. Na França, em 1880, dez a 20 jornalistas compunham uma redação. No início do século XX, os jornais franceses contavam com 50 a 100 profissionais. A formação do campo jornalístico traz, no seu bojo, a noção de *expertise* e de um saber específico que pressupõe a definição do que é notícia.

O jornalista possui o 'saber de reconhecimento', ou seja, capacidade de identificar acontecimentos que possuem valor de notícia, o 'saber de procedimento' – que implica em rotinas de apuração – e um 'saber de narração' que define como o produto *notícia* "será empacotado" (TRAQUINA, 2013, p. 41).

Outro autor prefere destacar os sentidos do termo 'jornalista profissional' para essa categoria.

Na auto-imagem dos jornalistas, o termo profissional tem três sentidos: primeiro o oposto de aficionado; o segundo, a qualificação por meio de capacitação especial; e, terceiro, um código de conduta que dá prioridade aos interesses da clientela receptora. Além disso, pode-se identificar dois tipos de normas jornalísticas profissionais: as normas técnicas (obtenção rápida de notícias, habilidade para redação e edição) e a normas éticas [...] valores como responsabilidade, imparcialidade, o cuidado, a justiça, a objetividade. (KUNCZIK, 2002, p. 37).

Mesmo com uma padronização, que inclui utilizar jargões profissionais e outros termos típicos da linguagem jornalística – chamada de “jornalês” (TRAQUINA, 2013, p. 44) –, Neveu (2010) alerta que seria uma *falácia* tentar enquadrar a definição de ‘tribo transnacional’ em apenas um único perfil. O autor sustenta que há uma diversidade de práticas jornalísticas vinculadas a momentos históricos e períodos de mais ou menos autonomia e a formas de auto-organização. No Brasil, por exemplo, Neveu assinala que o jornalismo inicialmente se afinava mais com o estilo francês e, posteriormente, se associa ao ideário do poder moderador, embora assuma a roupagem do estilo americano (NEVEU, 2010, p. 31).

A noção de noticiabilidade – conjunto de critérios que indicam o potencial de um fato para virar notícia – rege os jornalistas em sua rotina. Mesmo essa *bússola* aponta em diferentes direções, dependendo da época e do perfil assumido pelo veículo jornalístico em que se insere o profissional, o que indica diferentes orientações e linhas editoriais. No século XVI, as *folhas volantes*, precursoras dos jornais, publicavam o que interessava aos leitores. Traquina destaca que um terço do noticiário era voltado para crimes e um terço para o que hoje se denomina ‘celebridades’. Outros valores-notícia eram o insólito, ‘milagres’ e as proezas de personalidades da elite.

Como já abordamos, os jornalistas discorriam sobre política e a imprensa era encarada como ‘uma arma política’ durante a fase do jornalismo opinativo no século XVIII. No século XIX, com a proliferação da *penny press*, a bússola dos jornalistas apontava para histórias locais ou de interesse humano, reportagens sensacionalistas ou que atraíssem a atenção “das camadas menos instruídas da sociedade” (TRAQUINA, 2013, p. 65).

## Ser jornalista na contemporaneidade:

### uma contribuição aos estudos da profissão

Traquina observa como o valor-notícia *notoriedade* ganha extremo destaque. O autor cita estudo de Hebert Gans, que analisa a cobertura de três redes de TV norte-americanas (*CBS, ABC e NBC*) em 1967 e classifica o potencial de cada ator social na disputa pelo espaço na mídia. Pessoas ‘conhecidas’ envolvidas em escândalo se tornam notícia. Pessoas ‘desconhecidas’ somente viram manchete quando provocam tumulto, são vítimas de desastre, são transgressores da lei e da moral ou praticam atividades “invulgares” (TRAQUINA, 2013, p. 66).

Com menor grau de variação, algumas máximas dominam a cultura profissional do jornalista. Travancas destaca a relação com o tempo que contribui para definir um estilo de vida próprio. Na cobertura factual, só existe o hoje e o profissional não é dono do seu tempo porque vive “dividido entre o tempo interior e subjetivo, e o tempo exterior, medido pelos relógios” (TRAVANCAS, 2011, p. 81). Ao pesquisar a rotina de jornalistas de rádio, TV e jornal, a autora inferiu que há uma adesão à profissão que extrapola o racional e se explica pela “dimensão do prazer” (TRAVANCAS, 2011, p. 81).

A busca pelo furo de reportagem, a papel de cão de guarda, a dedicação integral à profissão, a veia de detetive – que qualifica o repórter investigativo –, a falta de rotina e a aventura de enfrentar novas missões, ou seja, novas pautas a cada dia, o perfil de intelectual (TRAQUINA, 2013; ADGHIRNI, 2005; KUNCZIK, 2002; NEVEU, 2010) ajudaram a construir um imaginário em torno da profissão.

Autores como Neveu (2010) e Traquina (2012) já mostraram como, ao jornalista, é atribuída uma aura mitológica. Adghirni (2005) nos lembra que a construção de uma imagem de herói inclui referências fictícias – como Clark Kent, o *Super-Homem* que trabalha no *Planeta Diário* – a referências reais como a dupla Woodward e Bernestein – repórteres do *Washington Post* que trouxeram, à tona, o caso *Watergate*. “Mais do que o exercício de uma profissão, a imagem do jornalista foi historicamente construída calcada sobre os ideais nobres da democracia, da justiça e da liberdade”, ressalta Adghirni (2005, p. 47).

Mas há uma evidente precarização da profissão que passa pelas novas condições de trabalho que reconfiguram o mercado – em parte resultado das mudanças estruturais introduzidas pelas novas tecnologias. Como resultado, vemos crescer o desemprego e a redução de número de profissionais nas

redações. Quando lançou *A saga dos cães perdidos*, em 2000, Marcondes já antevia um futuro pessimista para os jornalistas.

A seguir, vamos abordar as mudanças estruturais na profissão, à luz de pesquisadores que mergulharam no assunto e trazer, à discussão, possíveis transformações no *ethos* do jornalista.

### **3 JORNALISTA CANSADO E SENTADO?**

Se existe uma mitologia acerca da profissão, a aura que a sustenta dá sinais de arrefecimento. Como atesta Adghirini, a realidade no século XXI é singular. “Nem herói nem vilão, os jornalistas, como os guerrilheiros, estão cansados.” (ADGHIRINI, 2005, p. 46). O futuro do jornalista é incerto. Essa é a visão de Marcondes (2000, p. 147) para quem a nova conjuntura traz fatores de risco como a rapidez na produção das notícias que põe em cheque a credibilidade e a confiabilidade da produção jornalística. Qual o poder de ‘filtro’ da audiência? Com a velocidade imposta pelo jornalismo *online* somada à intensificação, na esfera digital, de produção cidadã, como evitar absorver conteúdo sem fidedignidade?

Mas não podemos descartar as brechas e contradições que, em meio à crise e às transformações estruturais, surgem tanto no jornalismo dito ‘hegemônico’ ou através de projetos alternativos (MORAES, 2013, p. 106). Um exemplo – que é sinal das mudanças atuais – fica evidente no fascínio que exercem figuras como o advogado Glenn Greenwald, autor da denúncia sobre esquema global de espionagem eletrônica e telefônica comandado pela Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos (NSA), divulgada em 2013 pelo jornal britânico *The Guardian* junto com um *pool* de publicações estrangeiras. A reportagem rendeu ao autor o Prêmio Pulitzer. Dois pontos relevantes: Greenwald é advogado, sem formação profissional em jornalismo e reverbera seus conteúdos através da página que coordena, o *The Intercept*. Ele iniciou a carreira em outro *blog* em 2005, no Brasil, criado com a intenção de escoar críticas contra violações dos direitos humanos praticadas pelo presidente americano George Bush.

Como observa Neveu, a rede engloba um sem número de iniciativas que não se restringem à mídia noticiosa, mas que também oferecem conteúdo. Essa ‘colcha de retalhos’ torna nebulosa a fronteira entre amador e profissional e exige

## Ser jornalista na contemporaneidade:

### uma contribuição aos estudos da profissão

discernimento para separar *marketing* disfarçado e informes comerciais de notícias relevantes (NEVEU, 2010, p. 39). O autor cunhou o termo “trabalhadores da informação” para designar o profissional na era da convergência (NEVEU, 2010, p. 40). Outra nomenclatura contemporânea é produtor de conteúdo.

Jenkins (2013) salienta que existe uma tendência crescente, nos últimos cinco anos, de participação dos jovens na produção de mídia, na ordem de 10%. Pesquisa realizada pelo *Pew Center for the Internet and American Life*, em 2007, revelou que 64% dos adolescentes americanos já tinham enveredado pela mídia digital e que 39% do conteúdo veiculado teve alcance além da rede de amigos e familiares.

Mas, para além dos impactos com a introdução das novas tecnologias digitais, o imperativo gerencial e a pressão por mais lucro em um mercado marcado pelo monopólio midiático causam transformações na estrutura organizacional das empresas, aponta Neveu (2010). Redações mais enxutas, com menos jornalistas, são uma das consequências, bem como corte nos custos de produção. Desempregados buscam o trabalho *freelancer* ou as assessorias de imprensa, como indicou a enquete *Perfil do jornalista brasileiro*, coordenado por pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina. O estudo indica um percentual de 40% dos profissionais fora das redações, atuando em assessorias de imprensa ou em setores que utilizam o conhecimento jornalístico. Profissionais com mais de 51 anos correspondem apenas a 8% do total de 2.731 entrevistados.

A profissionalização das fontes é um fenômeno assinalado por Neveu (2010) e Gomes e Maia (2004). A profissionalização da comunicação política – uma tendência crescente – se consolida como uma tentativa de ingerência e influência na informação veiculada pela mídia. Consultores e assessores se valem de astúcia para vencer os filtros de seleção de notícias e vazar fatos e mensagens do seu interesse.

A imagem do jornalista que ‘corre atrás da notícia’ esbarra em uma nova postura apontada por diversos autores (ADGHIRNI, 2005; FÍGARO, 2012; NEVEU, 2010): o jornalista sentado. “A notícia é que busca o jornalista ou o veículo de informação”, sentencia Neveu (2010, p. 62). O autor chama atenção para um novo paradigma.

O trabalhador da informação não faz muito trabalho de campo, mas trabalha com os comunicados das agências de notícias, as declarações das instituições, das empresas e dos funcionários do governo. Ele fica pescando na *web*. Seu *know-how* básico é o retratamento das informações produzidas por outros (NEVEU, 2010, p. 40).

Se os aparatos tecnológicos como celulares – que funcionam também como filmadoras –, *laptops* e acessos *3G* e *4G* ampliam as possibilidades do jornalismo, especialmente o *online* que trabalha em tempo real, Silva (2008) observa como, de forma contraditória, as empresas tem desestimulado a prática da reportagem o que restringe a apuração ao âmbito da redação. Neveu (2010), por sua vez, ao cotejar práticas clássicas com o novo *modus operandi*, percebe o abandono dos princípios básicos da profissão, como uma produção que se apoia na reciclagem da notícia. O tempo gasto com reportagem investigativa no grupo *Metro*, nos Estados Unidos, foi reduzido em 48%, exemplifica Neveu (2010, p. 42).

As notícias em tempo real do jornalismo online acentuaram a obsessão com a velocidade na apuração e a rapidez na publicação (MORETZSOHN, 2014; NEVEU, 2010). Ao pesquisar a nova rotina de trabalho no jornal *O Globo*, adotada a partir de março de 2014 quando o jornal decidiu privilegiar a edição *online* em detrimento da versão impressa, Moretzsohn (2014) atenta para a “aceleração no ritmo de trabalho, acúmulo de funções e exaustão ao fim do dia” (MORETZSOHN, 2014, p. 60), situação inferida por Fígaro.

Com as dificuldades da aceleração dos tempos, da variedade de plataformas e da convergência de mídias aparecem problemas que não são exatamente novos, eles se recrudescem sem solução. Dizem respeito às orientações deontológicas da profissão, da ética jornalística ao tratamento com as fontes, à visão voltada para o interesse público, e não ao público cliente. Essas dificuldades são enunciadas na contraposição: manter os fundamentos ou atender à *loucura* dos ritmos e demandas do trabalho. (FÍGARO, 2012, p. 198).

Silva (2008, p. 6) argumenta que a preocupação com a instantaneidade da cobertura não pode prescindir da qualidade da informação; entretanto, a superação dos limites de espaço e tempo não é garantia de melhor produto jornalístico porque “o privilégio dado para a instantaneidade e quantidade de notícias ocorre em detrimento do aprofundamento do noticiário” (AGUIAR, 2009, p. 171).

Fígaro pontua que a pressão pela publicação da notícia em tempo real se

## Ser jornalista na contemporaneidade:

### uma contribuição aos estudos da profissão

reflete em mudanças nos critérios de noticiabilidade porque o tempo é mais valorizado que o fato e “o fato que não acontece no tempo da postagem não existe” (FÍGARO, 2012, p. 199). Embora perceba um ‘afrouxamento’ dos critérios de noticiabilidade, se comparados aos adotados no jornalismo impresso, Aguiar (2009) pondera que as definições dos valores-notícia envolvem uma complexa rede de critérios de seleção e de construção discursiva que se estabelece entre as empresas jornalísticas e a comunidade interpretativa dos jornalistas. Esta flexibilidade e o limiar de enquadramento dos critérios obedecem a processos de negociação de valores profissionais compartilhados na produção da informação. Neste sentido, essa perspectiva negociável revela que a ‘comunidade interpretativa’ dos jornalistas faz leituras das representações da realidade social que enredam “práticas discursivas atravessadas por efeitos de poder e relações de poder-saber” (AGUIAR, 2009, p. 180).

Vamos relacionar, a seguir, as mudanças estruturais nas rotinas das redações dos veículos *online*. A intenção é desenhar o universo reconfigurado em que o jornalista, hoje, se insere, expondo as implicações nas práticas e valores profissionais.

310 |

## 4 MUDANÇAS NAS ROTINAS PRODUTIVAS

No manual *Você faz a notícia*, Foschini e Taddei (2006) listam regras básicas que podem transformar “qualquer bom cidadão” em “bom jornalista”: para “fazer do jeito certo”, é preciso “entrevistar”, “ouvir os dois lados, checar tudo, mais de uma vez, confirmar dados oficiais, não fazer acusações ou denúncias levianas e informar quando não se obteve resposta da fonte procurada” (FOSCHINI; TADDEI, 2006, p. 29-32). Os procedimentos que seguem os códigos de conduta ética de qualquer profissional da imprensa visam, segundo a publicação, dar credibilidade e transparência à reportagem. “Não minta”, determinam os autores (FOSCHINI; TADDEI, 2006, p. 34).

Entretanto, o surgimento de nomenclaturas como jornalista digital, webjornalista e jornalista-blogueiro situam estes novos atores em um cenário de precarização crescente do exercício da profissão. A identidade do profissional aparece fragmentada, mas a adoção de novas rotinas de produção atinge a prática jornalística em diferentes plataformas, incluindo os jovens e os veteranos

que sucumbiram à cultura da convergência e do jornalismo multimídia nas versões online de veículos da grande mídia. Por isso, consideramos relevante pontuar algumas mudanças estruturais intimamente ligadas aos dispositivos tecnológicos e ao ambiente gerado pela internet.

A convergência midiática é uma realidade que já se tornou compulsória e que frustra profissionais, especialmente os veteranos que, primeiro, se viram obrigados a usar o computador e agora se adaptam aos dispositivos eletrônicos. Neveu lembra que estudo de Marc François Bernier, realizado em 2008, já explicitou como jornalistas franco-canadenses verbalizavam sentimentos de frustração e desqualificação por incapacidade de mostrar competência em várias mídias. Nas redações, se passou a usar a metáfora do “mamífero com bico de pato” (NEVEU, 2010, p. 39) – uma figura desajeitada – para se referir a esse profissional em crise; como sintoma, houve um aumento na taxa de rotatividade nas empresas jornalísticas.

O jornal *O Globo* assumiu a convergência a partir de 2008 quando a orientação era buscar, sempre que possível a apuração multimídia com material em vídeo e áudio. Com o lançamento do novo *site*, em 2011, a empresa adotou programa que permite adaptar textos para diferentes plataformas. Na redação, um monitor de TV de tela plana exibe, para acompanhamento dos jornalistas, os números do *Google Analytics* que mostram a situação dos acessos às matérias (MORETZSOHN, 2014, p. 65-67). Com apoio de monitores com tela vertical, uma equipe monitora as redes sociais para definir a distribuição das matérias nas diferentes plataformas: *site*, *Facebook*, *twitter* e *Instagram*. Na época em que realizou a pesquisa, Moretzshon destacou a produção do boletim *Tá Quente* – com três edições diárias que informavam os assuntos mais *bombantes* nas mídias sociais para que cada editoria avaliasse o que cabia transformar em pauta.

As redes sociais tornaram-se aliadas como ferramenta na apuração e na distribuição de notícias. Ao tecer conclusões sobre jornalismo e convergência, Olga Tavares e Alan Mascarenhas afirmam que o jornalismo enfrenta o desafio de “organizar o caos informacional, trazendo informação relevante em determinados espaços, contextos e locais.” (TAVARES; MASCARENHAS, 2013, p. 206) e também argumenta que o jornalista não consegue mais competir com 500 milhões de usuários do *Facebook*, que são também fontes de informação. Relatório da

## Ser jornalista na contemporaneidade:

uma contribuição aos estudos da profissão

agência *Reuters*, *Digital News Report 2005*, revela que o *Facebook* é a plataforma onde as pessoas mais procuram, assistem, compartilham e discutem notícias. O Brasil é o país com maior número de usuários – oito entre cada dez brasileiros estão nesta rede social que agrega 99 milhões brasileiros em um total de 1,59 bilhão de conectados espalhados pelo mundo.

Fernando Silva põe em tela o que pesquisadores já detectaram. “A convergência jornalística passa pela estratégia das empresas jornalísticas de aproveitar a produção do repórter para distribuição em multi-plataformas.” (SILVA, 2008, p. 7). Esse perfil do jornalista extrapola a atuação multimídia. O jornalismo móvel abarca o conceito de ‘espalhamento de conteúdo’ usado por Jenkins (2013) que ganha importância na cultura de participação. Silva recorre a Schneider a fim de observar a utilização de câmeras digitais e celulares como “plataformas para edição e publicação imediata de qualquer lugar gerando mudanças significativas no jornalismo” (SILVA, 2008, p. 6).

Diferente do conceito de *broadcasting* (difusão por rádio ou TV), esta modalidade, explica Santuf, engloba produção, edição, circulação e consumo de conteúdos jornalísticos em dispositivos portáteis. Estes dispositivos agregam conexão ubíqua – ou onipresente –, conteúdos por demanda adaptados ao contexto do usuário e múltiplos formatos midiáticos. Neste modelo ocorre circulação de conteúdo ao contrário de distribuição (SANTUF, 2015, p. 445).

Uma das experiências pioneiras que mais repercutiu foi o *Reuters Mobile Journalism*, lançada em 2007. Os repórteres da agência *Reuters* tornaram-se aptos a produzir suas reportagens em formatos distintos (áudio, vídeo, imagens e textos) para distribuição através de diversas plataformas da agência de notícias. Os profissionais adquiriram mais mobilidade, portabilidade e ubiquidade para realizar transmissões em tempo real através de celular, com transmissão instantânea e a publicação no *site* da agência (SILVA, 2008, p. 9).

No Brasil, esta tecnologia móvel foi inaugurada em 2008 pelo sistema *Jornal do Comercio*, no Recife, através da *TV Jornal*. O *Notícia Celular* gerava vídeos e fotos para um canal de TV e um portal de notícias, o *JC Online*. O jornalismo móvel dispensa equipamentos pesados – como câmeras de vídeos e uso de carros para transmissão via satélite – o que propicia a liberdade e mobilidade total ao repórter.

A questão da instantaneidade e da pressa na produção em detrimento da qualidade da notícia é uma observação comum a Moretzsohn (2014) e Silva (2008). O *deadline* contínuo ou o desaparecimento do *deadline* são consequências do jornalismo móvel que se vale da conexão *online* com o repórter em campo. Silva (2008, p. 6) observa que a transmissão ao vivo é mais valorizada na televisão enquanto que no jornalismo digital é associada à informação sem qualidade em função da pressa.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já sinalizamos, o 'jornalista sentado' é uma tendência que se acirra. Se considerarmos os recursos móveis oferecidos pela tecnologia, essa realidade pode soar contraditória ou mesmo paradoxal. Silva (2008, p. 4), entretanto, aposta que o uso das tecnologias portáteis possibilita que as diversas etapas do processo de produção da informação jornalística sejam realizadas no local onde o repórter acompanha os acontecimentos.

Um cenário bem pessimista é descrito por Neveu (2010) a partir do relato de Elizabeth Bird (2009) sobre o *Pasadena Now Online*, jornal californiano onde as mudanças quase levaram a redação à extinção. Por um custo mais barato, uma sala de redação na Índia recebia o fluxo das agências de notícias e *emails* enquanto uma *webcam* substituía a cobertura na câmara dos vereadores da cidade de Pasadena, nos Estados Unidos. Uma possível conclusão desse relato aponta para a pergunta inevitável: é possível prescindir do jornalista no processo de produção da informação jornalística?

Podemos também concluir que as transformações advindas do jornalismo *online*, observadas por Moretzsohn no jornal *O Globo*, conduzem a uma reflexão sobre a representação do jornalista e do jornalismo. Se a exaustão persiste no final do dia, o cenário opera uma inversão da imagem emblemática "do repórter em mangas de camisa, cabelos ao vento, correndo atrás da notícia, afobado pela urgência." (MORETZSOHN, 2014, p. 76). Distante da adrenalina do fechamento, o jornalismo hoje seria "uma atividade suave que se realiza em ambiente silencioso, fechado, climatizado, com atenção voltada para as telas do computador, *tablets* e *smartphones*." (MORETZSOHN, 2014, p. 76-77).

Stuart Allan e Chris Peters (2015) chamam atenção para o imperativo do

## Ser jornalista na contemporaneidade:

uma contribuição aos estudos da profissão

testemunho ao qual o jornalismo amador (AGUIAR; BARSOTTI, 2011) recorre como peça-chave para trazer à tona a ‘verdade dos fatos’ e viralizar acontecimentos. No entanto, ressaltamos, o testemunho pode se basear na percepção pessoal e reducionista do fato o que, nesse sentido, não implica, necessariamente, na capacidade de se estabelecer a verdade. Concordamos que, no jornalismo, o ato de testemunhar está vinculado a um *ethos* que envolve um trabalho interpretativo e remete a um conhecimento epistêmico sobre a narrativa.

Pereira, Jorge e Adghirni (2008, p. 242) observam como as pesquisas buscam avançar em inferências sobre “processos sociais pelos quais o jornalista se reinventa permanentemente, agregando à sua identidade novos territórios profissionais”. Nesta perspectiva teórica, esse artigo sobre a identidade do jornalista e o jornalismo digital procurou compreender de que forma as transformações nas condições de trabalho e nas rotinas atingem o *ethos* profissional. Em nosso entendimento, os novos atores do campo jornalístico – como o jornalista-blogueiro, o jornalista amador ou o webjornalista – contribuem para ampliar e reconfigurar a noção de identidade profissional no jornalismo. 

314 |

## REFERÊNCIAS

ADGHIRNI, Zélia. O jornalista: do mito ao mercado. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 45-57, jan./abr. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2088/1828>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

AGUIAR, Leonel Azevedo de. A validade dos critérios de noticiabilidade no jornalismo digital. In: RODRIGUES, Carla (Org.). **Jornalismo on-line: modos de fazer**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Porto Alegre: Sulina, 2009.

AGUIAR, Leonel Azevedo de; BARSOTTI, Adriana. Jornalismo amador: proposta para definir as práticas jornalísticas exercidas pelo público em ambientes interativos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., 2011, Recife. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1146-1.pdf>>. Acesso em: 8 maio 2015.

BIRD, Elizabeth. The future of journalism in digital environment. **Journalism**, v. 10, n. 3, p. 293-295, jun. 2009. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1464884909102583>>. Acesso em: 19 jun. 2016.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FÍGARO, Roseli. **O perfil do jornalista e os discursos sobre o jornalismo**. São Paulo:

Edusp, 2012.

FOSCHINI, Ana Carmem; TADDEI, Roberto Romano. **Jornalismo cidadão: você faz a notícia**. São Paulo: Overmundo, 2006.

GOMES, Wilson; MAIA, Rousiley. **Comunicação e democracia**. São Paulo: Paulus, 2008.

HABERMAS, Jurgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

JENKINS, Henry. **Spreadable media**. New York: New York University, 2013.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo**. São Paulo: Edusp, 2002.

MARCONDES, Ciro. **A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker, 2000.

MORAES, Denis. Agências alternativas em rede e democratização da informação na América Latina. In: MORAES, Denis et al. **Mídia, poder e contrapoder**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MORETZSOHN, Sylvia. O 'novo ritmo da redação' de *O Globo*: a prioridade ao jornalismo digital e seus reflexos nas condições de trabalho e produção da notícia. **Parágrafo**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 59-79, ago./dez. 2014. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/234>>. Acesso em: 8 jul. 2016.

NEVEU, Erik. As notícias sem jornalista: uma ameaça real ou uma história de terror. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 6, n. 1, p. 29-57, jan./jun. 2010. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/246/244>>. Acesso em: 4 jul. 2015.

PEREIRA, Fábio; JORGE, Thais; ADGHIRNI, Zélia. Metodologia para o estudo de rotinas e identidade do jornalismo on-line. In: PALACIOS, Marcos; NOCI, Javier (Orgs.). **Metodologia para o estudo de cibermeios**. Salvador: Edufba, 2008.

SATUF, Ivan. Jornalismo móvel: da prática à investigação acadêmica. In: CANAVILHAS, João (Org.). **Jornalismo para dispositivos móveis: produção, distribuição e consumo**. Covilhã: LabCom, 2015.

SILVA, Fernando Firmino. Jornalismo reconfigurado: tecnologias móveis e conexões sem fio na reportagem de campo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31., 2008, Natal. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0652-1.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2016.

TAVARES, Olga; MASCARENHAS, Alan. Jornalismo e convergência: possibilidades transmidiáticas no jornalismo pós-massivo. **Famecos**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 193-210, jan./abr. 2013. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/11393/9207>>. Acesso em: 26 fev. 2016.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2013. (v. 2).

## Ser jornalista na contemporaneidade: uma contribuição aos estudos da profissão

\_\_\_\_\_. **Teorias do Jornalismo:** porque as notícias são como são. 3. ed. rev. Florianópolis: Insular, 2012. (v. 1).

TRAVANCAS, Isabel. **O mundo dos jornalistas.** São Paulo: Summus, 2011.